

## Palmares: A luta pela liberdade

No Brasil, entre os séculos XVI e XIX surgiram inúmeros mocambos/quilombos por toda a parte. Grandes e pequenos, com quatro ou cinco habitantes, mas também com milhares deles. O principal foi – sem dúvida – Palmares, localizado em Alagoas, na antiga Capitania de Pernambuco. Pode-se dizer que o *Quilombo de Palmares* estabeleceu-se em pleno coração do império colonial português. Até o início do século XVIII, as capitanias de Pernambuco e Bahia eram as mais importantes --- principalmente em termos econômicos -- para os interesses comerciais lusitanos. Palmares nasceu, portanto, junto com o mundo colonial do açúcar. Ao que se sabe os primeiros núcleos quilombolas -- escravos fugitivos -- de Palmares instalaram-se nas últimas décadas do século XVI. Em 1597 aparece a primeira referência documentada sobre a existência de Palmares.

As serras daquela Capitania foram consideradas locais ideais para refúgio. Havia ali não só um quilombo, mas sim vários, talvez dezenas. Cercada por montanhas e florestas de difícil acesso, os habitantes de Palmares contavam com uma considerável proteção natural. A escolha -- devido a flora e a fauna -- desse local também era garantia de caça e pesca abundante, como igualmente de frutos, raízes e plantas. Assim, quilombolas poderiam garantir suas sobrevivências, bem escondidos no interior da floresta. Esse ambiente ecológico foi fundamental. Numa área hostil -- nem sempre semelhante a suas regiões de origem africanas -- tiveram que conhecer e dominar a geografia, a topografia, fauna e flora daquelas matas, fazendo delas aliadas.

Assim como nascia Palmares, renasciam aqueles primeiros habitantes palmarinos, recriando um novo mundo. Foi um mundo africano reinventado no Brasil pelos negros fugitivos, vale a pena repetir. Quilombolas -- crioulos e africanos de identidades étnicas e procedências diversas -- forjaram um mundo próprio para viverem sua liberdade. Recriaram culturas e organizaram-se militarmente para combater os invasores. Estabeleceram igualmente suas práticas econômicas para garantirem sobrevivência. Foi a gestação deste espaço social original que assustou sobremaneira grandes fazendeiros e autoridades lusitanas. Em várias partes do Império atlântico Português e por que não dizer do Atlântico Negro (no sentido das experiências da diáspora em outras partes) se ouviu falar de Palmares. Ao findar o primeiro quartel do século XVII, seus habitantes já contavam milhares. As primeiras gerações de palmarinos começavam a nascer. Tal fato faz incrementar ainda mais o aumento de sua população. Também novas e continuadas fugas de escravos para Palmares aconteciam.

A produção econômica palmarina não era somente destinada a subsistência de sua numerosa população. Tem-se notícia de que com os excedentes realizavam trocas mercantis com taberneiros e moradores de localidades próximas. Levavam farinha-de-mandioca, vinho de palma, manteiga e outros produtos, obtendo em troca armas de fogo, pólvora, tecidos, sal e ferramentas que precisavam nos seus mocambos. Esse comércio de quilombolas, pequenos sitiados e taberneiros da Capitania preocupavam em muito as autoridades. Formava-se assim uma rede mercantil clandestina. Acabava-se não só trocando bens econômicos. Havia mesmo solidariedade para com os quilombolas. Muitos moradores eram acusados de dar proteção aos palmarinos.

Inicialmente, os quilombos foram formados por africanos de procedências diversas e identidades étnicas e línguas diferentes. Palmares foi, assim, engendrado por práticas culturais variadas. Predominava africanos do grupo étnico-linguístico Bantu, originário das áreas centro-ocidentais da África (Congo e Angola). De qualquer modo, as culturas dos palmarinos constituíram-se em algo novo. As práticas religiosas forjadas tinham tanto traços de práticas mágicas e rituais de várias partes da África como aquelas dos indígenas e de catolicismo popular aprendido nas senzalas. Aliás, parte dos africanos já tinha entrado em contato com o cristianismo na própria África, quando do início da ocupação européia em meados do século XV. Em Palmares, as expedições punitivas encontraram capelas e santuários. Havia, inclusive, imagens de santos católicos como a do Menino-Jesus e a de Nossa Senhora da Conceição. Este sincretismo religioso dos palmarinos bem demonstra de que modo estes reelaboraram uma cultura própria e original naqueles quilombos. Cultuavam deuses africanos, santos católicos e criaram novos símbolos e significados religiosos em Palmares. De uma maneira geral - tal qual na África - percebiam seus deuses como detentores das forças da natureza. As plantas, o fogo e água podiam ter os mesmos poderes espirituais das imagens e símbolos cristãos.

Em meados do século XVII, a população palmarina já alcançava mais de 20 mil pessoas. Naquelas serras residiam além de negros, mestiços e índios. Palmares estava dividido em inúmeros quilombos ao longo da serra da Barriga. Os mais importantes eram denominados pelos nomes de seus chefes e comandantes. O quilombo principal era conhecido como Macaco. Era o centro político e administrativo, funcionando como se fosse a capital de Palmares. Além disso, era o mais povoado -- com mais de milhares de casas -- e nele residia Ganga-Zumba, um dos principais líder dos palmarinos.

Esparadamente dispostos naquele imenso bosque tinham proteção, constituindo uma inteligente estratégia militar de defesa. Quando um quilombo era atacado os palmarinos refugiavam-se em outros. Era, assim, impossível atacar todos conjuntamente. Afora estes quilombos nomeados havia dezenas de outros espalhados. Muitos podiam funcionar apenas como acampamentos militares ou entrepostos de trocas mercantis. Mesmo como toda essa dispersão numa extensa área geográfica havia unidade e comunicação entre eles. Suas práticas econômicas poderiam ser complementares. Enquanto um quilombo podia produzir a manteiga de amêndoa outro fabricava o vinho de palma. O poder central ficava nas mãos de Ganga-Zumba, ainda que houvesse autonomia militar e econômica em alguns deles. A estrutura sócio-econômica de Palmares -- principalmente quando recrudesceram os ataques contra eles na segunda metade do século XVII -- foi fortemente marcada pela organização político-militar.

Depois de dezenas de expedições punitivas -- já nos primeiros anos do século XVII -- autoridades conscientizaram-se (inclusive aquelas neerlandesas que ocuparam a Capitania de Pernambuco) que vencer definitivamente Palmares era tarefa quase impossível. Sua existência assim como as dificuldades para destruí-lo já estavam ficando centenárias. Na década de 1670 ganha força a intenção de propor um acordo. Em 1678 houve uma trégua. Um casal de quilombolas capturados é liberado. Estava incumbido de levar até Ganga-Zumba uma proposta para que depusesse as armas. O momento era propício, posto que as guerras contra Palmares tinham se intensificado. A alternativa dada pelas autoridades era uma só: caso os quilombolas não depusessem as armas, dando fim aos seus ataques contra vilas e engenhos aumentaria o número e a frequência do envio de tropas para persegui-los.

Começam as negociações. Depois do contato inicial nos quilombos -- através de um oficial do terço dos Henriques -- os próprios palmarinos organizam uma comitiva para ir a Recife tratar diretamente com as principais autoridades coloniais, notadamente D. Pedro de Almeida, governador de Pernambuco. Os quilombolas de Palmares dividem-se, porém, quanto a aceitação na íntegra daquele acordo. Enquanto Ganga-Zumba e inúmeros palmarinos migram para a região do Cucaú, **Zumbi** -- uma importante liderança militar -- opta por continuar no quilombo Macaco com outros tantos. A negociação estava ameaçada. A guerra continuaria. Parte dela iria se dar no interior do próprio Palmares. As autoridades, de fato, preocupam-se com a recusa de Zumbi em negociar naqueles termos, ou seja, a rendição dos quilombolas não nascidos em Palmares, o confinamento em algumas partes da serra e o pior, a devolução dos negros fugidos dos engenhos que chegassem aos quilombos depois daquela data. Iniciam-se novas ofensivas contra Palmares.

Já no final dos anos 80 do século XVII renasce a idéia de utilizar os paulistas (bandeirantes e suas tropas de resgate) para guerrear Palmares. Começam as negociações para a participação dos mesmos nas expedições. Existia, porém, outros interesses em jogo. De início há recuos das autoridades, e principalmente dos senhores-de-engenho de Pernambuco, em aceitar as condições impostas pelos paulistas. A questão principal era as terras dos palmarinos. Eram muito valiosas. Com a destruição dos quilombos estas ficariam na mão dos paulistas, mais propriamente com Domingos Jorge Velho, seu principal chefe. Enquanto isso, palmarinos continuam movimentando-se nas serras. Aproximam-se das Vilas. Mais uma vez amedrontam autoridades e moradores. A operação de guerra dos paulistas tinha que ser iniciada imediatamente.

Em agosto de 1692, depois de muita preparação, vários impasses e diversas discussões sobre as condições ajustadas para a sua realização, a expedição de Domingos Jorge Velho inicia sua marcha. São centenas de soldados, enorme quantidade de armamento e provisões. Antes mesmo de atingir os principais quilombos em Palmares as tropas são atacadas. Os palmarinos mudam de tática. Ao mesmo tempo que podiam evacuar a população civil -- principalmente idosos e crianças -- realizavam ataques na tentativa de impedir a rápida aproximação dos repressores. O palco das batalhas seria as florestas. Domingos Jorge Velho sentiu de perto a força dos quilombolas de Palmares. Mesmo estacionando suas tropas em arraiais situados na serra, os costumeiros problemas de abastecimento surgiram: fome e falta de munição. Houve também muita deserção. Os ataques fulminantes dos palmarinos deixavam os integrantes das expedições cada vez mais amedrontados. A noite se transformava num terror. O perigo dos ataques palmarinos eminente.

No início de 1694, a operação de guerra é reiniciada. Mais soldados e índios, e agora canhões são dirigidos a Palmares. A idéia era aproximar-se o máximo possível das cercas fortificadas de Macaco para poderem utilizar os canhões. Os quilombolas rechaçavam qualquer tentativa de aproximação. Em duas ocasiões os paulistas são derrotados. Os quilombolas também tinham seu poderio de fogo e estratégias militares. Analisando que para vencer os quilombolas tinha que utilizar os canhões, visando transpor as cercas da fortificação palmarina, Domingos Jorge Velho tenta outros planos. Em meados de 1694 continuariam chegando mais homens e armas. Foi uma mobilização militar contra Palmares. Mais de mil homens com armamentos e provisões foram para lá enviados. Porém, esta não era ainda a solução. É decidida a construção de uma contra-cerca. Só deste modo, as forças ficariam suficientemente protegidas contra o

fogo intenso dos quilombolas. Poderiam, assim, chegar perto das cercas e paliçadas da capital palmarina.

Os palmarinos descobrem o plano dos paulistas. Como contra-estratégia preparam uma rápida retirada dos mocambos. Antes disso, o ataque das forças paulistas começa. Como Macaco ficava na parte mais alta da serra da Barriga, alguns palmarinos em fuga acabam caindo num abismo. Os que permaneceram como retaguarda da evacuação entram em combate direto com as forças coloniais. Batalhas sangrentas são travadas. Duram dias atravessando noites. Mais de 500 quilombolas foram presos, a maior parte de mulheres e crianças. Outros tantos foram mortos. Pouco sabemos dos recapturados na ocasião. Inúmeros retiram-se para a floresta. Mesmo festejando a vitória contra a capital palmarina, as autoridades perceberiam que o problema dos quilombolas em Alagoas não estava ainda totalmente solucionado. Zumbi deveria ser capturado e vários quilombos remanescentes destruídos.

Com a ajuda de um prisioneiro quilombola, as forças coloniais vasculham as serras à procura de Zumbi. Mais do que destruir todo Palmares, sua captura é considerada fundamental para as autoridades da colônia. André Furtado de Mendonça é responsável pelo comando da tropa para a sua captura. Sabendo que Zumbi morava num quilombo, situado na serra Dois Irmãos, as ações da repressão são para lá concentradas. O líder palmarino bem protegido acaba traído. É localizado e assassinado em **20 de novembro de 1695**. Apesar da morte de Zumbi -- anunciada nos quatro cantos da colônia -- as autoridades bem sabiam que a luta contra os quilombos de Palmares não estava concluída. Havia ainda milhares de quilombolas naquelas serras alagoanas. Mesmo sem serem totalmente destruídos, a unidade dos quilombos em torno de Palmares nunca mais seria reconstituída. Até 1736, Alagoas continuaria a ter notícia de quilombos ali estabelecidos.

A memória de Palmares, por certo, continuaria viva. Nas mentes tanto dos escravizados como das autoridades coloniais. Mas o que não sabemos sobre Palmares? Muitos historiadores trataram do tema, utilizando fontes e crônicas da época. De qualquer modo, pensamos que o problema não foi de fontes. Falta ou abundância delas. Duas questões devem ser consideradas. Primeiro o que sabemos sobre Palmares não nos chegaram por registros dos próprios palmarinos, mas sim daqueles que tentavam destruí-los, no caso os relatórios das expedições punitivas. A grandeza ou descrições sobre a estrutura de Palmares são destacadas mais para justificar recursos, tropas, dificuldades e bravuras dos comandantes da repressão do que para avaliar a organização de Palmares. Diríamos que só temos informações daquilo que os palmarinos nos permitiram conhecer. Da sua organização interna? Lógicas de poder? Estruturas simbólicas? Pouco sabemos. A segunda questão diz respeito das perguntas e expectativas daqueles que escreveram sobre Palmares. Mesmo considerando a natureza das fontes, quais as perguntas que os historiadores fizeram diante dos documentos? O que quiseram ver? O que não viram ou calaram?

As mulheres pouco aparecem nas fontes de Palmares como de outros quilombos no Brasil. Não foram importantes? Eram muito poucas? Certamente mais que isso. Nos seus mocambos, os palmarinos procuravam constituir famílias, compondo-se em comunidades. O pequeno número de mulheres sempre foi um problema para os quilombos brasileiros, principalmente na sua primeira fase de formação. Havia poucas mulheres nas senzalas e nas plantações escravistas. Predominavam os homens. Os

navios negreiros para cada dez homens trazia apenas uma mulher. A preferência dos traficantes escravistas por homens devia-se ao alto preço das mulheres no tráfico africano. Na própria África elas eram mais valorizadas para o trabalho.

O crescimento interno da população palmarina estabeleceu um equilíbrio numérico entre homens e mulheres nos mocambos. Lá elas podiam trabalhar tanto nas plantações, como no fabrico de farinha e outras atividades produtivas. Nos quilombos, as mulheres também participavam das batalhas contra os escravizadores. Tornavam-se também importantes líderes religiosas. Em várias ocasiões entravam em transe e adivinhavam o local, a direção e o momento do ataque das tropas anti-mocambos. Também durante as rápidas evacuações dos mocambos podiam ter a função de esconder o máximo possível de grãos e sementes em suas cabeças e fugirem para o interior da mata. Seria através destes que os quilombolas reorganizariam suas economias em outras paragens.

Havia quilombos espalhados em todos os lados e serras da região. Alguns nomes de quilombos estavam relacionados aos seus líderes. Não muito distante da Vila de Serinhaém existia o quilombo do Amaro, nome de um importante guerreiro palmarino. Era composto também por cerca de 1.000 casas. Para o lado da Vila de Alagoas, próximo a serra do Cafuxi, situava-se o quilombo chamado Andalaquituche. E na direção da Vila de Porto Calvo existiam os quilombos denominados Zumbi, Acotirene, Dambraganga, Aqaltune e Tabocas. Há indícios de que **Acotirene** e **Aqaltune** eram lideranças femininas em Palmares. Mas podiam haver outras. Como eram as vidas das mulheres no quilombo? E em Palmares? Mas não é difícil imaginar o cotidiano de uma mulher no quilombo e como poderia ser em Palmares.

De personagens como **Dandara** e Acotirene pouco sabemos. A primeira teria sido uma brava guerreira que teria acompanhado Zumbi logo após o assassinato de Ganga Zumba em 1678. Já Acotirene (em diversos documentos o termo que aparece é **Arotirene**) teria sido uma liderança feminina dos primeiros tempos de Palmares, influenciando as lideranças posteriores como Zumbi e Ganga Zumba. Ao que parece a mãe do rei de Palmares residia no quilombo denominado Aqaltune. Alguns documentos falam que seu nome era **Acainene**. Mas já mencionamos as armadilhas dos documentos. Sempre houve um olhar de quem queria destruir Palmares. E temia seus habitantes. Talvez seja interessante pensar como devia existir inúmeras Dandaras e Acotirenes, assim como outras mulheres anônimas e fundamentais na manutenção e desenvolvimento de Palmares. E isso não significar dizer que não havia hierarquias entre homens e mulheres. Nunca é bom esquecer que Palmares era sociedade em guerra permanente, portanto sua estrutura sócio-econômica era igualmente militar.

O desequilíbrio de sexos entre a população escrava também evidenciou-se na maioria dos quilombos. A base populacional dos quilombos era constituída de homens. A falta de mulheres representava um problema crônico para as comunidades de fugitivos. Muitos ódios e tensões entre escravos e quilombolas podiam ser frutos dos sequestros por estes de mulheres escravas nas plantações. Por conseguinte, a carência de mulheres nos mocambos fizeram com que algumas comunidades provavelmente criassem regras próprias de convivência, adotando interdições sexuais e até a poligamia.

Seja na manutenção material, com o abastecimento de provimentos, como confecções de roupas, utensílios etc., seja na espiritual, a presença da mulher foi destacada em várias comunidades quilombolas. Em alguns mocambos elas possuíam uma função

religiosa de destaque e fortaleciam o espírito combativo de seus habitantes. Através de amuletos e banhos de ervas, elas ofereciam sacrifícios às divindades, protegendo os quilombolas em suas caçadas e enfrentamentos com as tropas escravizadoras. Muitas vezes, em transe, as mulheres quilombolas adivinhavam a aproximação e ataques de patrulhas inimigas. De maneira geral, elas ficavam responsáveis pelo trabalho agrícola das comunidades e da preparação dos alimentos, embora também pudessem acompanhar os quilombolas em seus ataques às plantações vizinhas. Além de combaterem lado a lado com os homens, elas exerciam, freqüentemente, funções logísticas significativas, conduzindo alimentos, pólvora e armamentos, assim como removendo e cuidando dos feridos. Ademais, é possível supor que em alguns mocambos, a população feminina fosse maior do que a documentação tem até aqui apontado. Como estratégias, alguns quilombolas podem ter mantido suas mulheres e crianças em locais mais seguros, em acampamentos afastados, onde dificilmente seriam encontrados pelas expedições de captura.

Em variadas circunstâncias, mulheres escravizadas ajudavam a manter a integridade dos arranjos familiares, assim como a riqueza e a originalidade da cultura forjada em torno delas. A manutenção da família constituiu-se característica fundamental da organização das culturas escravas em toda a América. Espinha dorsal nas lógicas de parentesco e de laços familiares, a mulher era o principal agente na transmissão oral das crenças e valores das comunidades afro-americanas em formação. Podemos argumentar que as mulheres foram as primeiras agentes da emancipação das comunidades afro-descendentes na diáspora.

**(edição de texto publicado no livro Gogó de Emas, em 2004. Contribuição especial Prof. Flávio Gomes)**